

OBJEÇÕES AO CARTESIANISMO

Charles Sanders Peirce

• Descartes é o pai da filosofia moderna, e o espírito do cartesianismo - aquilo que particularmente o distingue do escolasticismo que ele substituiu - pode ser resumidamente enunciado como se segue:

1. Ele ensina que a filosofia deve começar com a dúvida universal; enquanto o escolasticismo nunca questionou fundamentos.

2. Ele ensina que o último teste da certeza assenta na consciência individual; ao passo que o escolasticismo havia repousado no testemunho dos sábios e da igreja católica.

3. A argumentação multiforme da idade média é substituída por uma simples corrente inferencial, que freqüentemente depende de premissas inconspícuas.

4. O escolasticismo tem seus mistérios de fé, mas tentou explicar todas as coisas criadas. Mas há muitos fatos que o cartesianismo não só não explica, mas torna absolutamente inexplicáveis, a menos que dizer "Deus faz assim" deva ser considerado uma explicação.

• Em muitos ou todos esses aspectos, a maioria dos filósofos modernos tem sido, com efeito, cartesiana. Mas, sem querer retornar ao escolasticismo, parece-me que a ciência e a lógica modernas requerem que nós nos apoiemos em uma plataforma muito diferente dessa.

1. Não podemos começar com a dúvida completa. Nós precisamos começar com todos os preconceitos que possuímos no momento em

que iniciamos o estudo da filosofia. Esses preconceitos não podem ser banidos por uma máxima, pois eles são coisas que não nos ocorre que *possam* ser questionadas. Por isso esse ceticismo inicial será uma simples auto-sugestão, e não a dúvida real; e ninguém que siga o método cartesiano jamais se dará por satisfeito antes que tenha formalmente recobrado todas aquelas crenças que na forma havia abandonado. É, pois, um rodeio tão inútil como ir até o Pólo Norte para chegar a Constantinopla, descendo regularmente ao longo do meridiano. Uma pessoa pode, é verdade, no curso de seus estudos, encontrar razão para duvidar do que no início acreditava; mas nesse caso ela duvida porque tem uma razão positiva para isso, e não por ordem da máxima cartesiana. Não façamos de conta que duvidamos em filosofia daquilo que não duvidamos em nossos corações.

2. O mesmo formalismo aparece no critério cartesiano, equivalendo a isso: "Qualquer coisa da qual eu esteja claramente convencido é verdadeira". Se eu estivesse realmente convencido, ter-me-ia valido da razão e não precisaria requerer nenhum teste de certeza. Mas tornar deste modo indivíduos singulares juizes absolutos da verdade é o mais pernicioso. Resulta que os metafísicos irão todos concordar que a metafísica alcançou um píncaro de certeza muito além daquela das ciências físicas - só que eles poderão não concordar em mais nada. Nas ciências em que homens chegam a acordo, quando uma teoria é introduzida, ela é considerada em estado probatório até que o acordo seja alcançado. Depois que ele é alcançado, a questão da certeza torna-se ociosa, porque não resta mais ninguém que dela duvide. Individualmente nós não podemos razoavelmente ter a esperança de chegar à última filosofia que almejamos; nós só podemos buscá-la, portanto, para a *comunidade* dos filósofos. Por isso, se mentes disciplinadas e cândidas cuidadosamente examinam uma teoria e recusam-se a aceitá-la, isso deve criar dúvidas na mente do próprio autor da teoria.

3. A filosofia deve imitar as ciências bem sucedidas em seus métodos, a ponto de continuar somente a partir de premissas tangíveis, que possam ser sujeitas a escrutínio cuidadoso, e confiar mais na multiplicidade e variedade de seus argumentos do que na conclusividade de qualquer um isoladamente. Seu raciocínio não deve formar uma cadeia que não seja mais forte que seu elo mais fraco, mas um cabo cujas fibras podem ser mesmo muito frágeis, com a condição de que elas sejam suficientemente numerosas e intimamente conectadas.

4. Toda filosofia não-idealista supõe algum último, inalisável e absolutamente inexplicável; em resumo, algo resultante de mediação, por si mesmo não susceptível de mediação. Ora, que algo é assim inexplicável, pode ser somente conhecido pelo raciocínio baseado em signos. Mas a única justificação de uma inferência com base em signos é que a conclusão explica o fato. Supor o fato absolutamente inexplicável não é explicá-lo, e portanto essa suposição nunca é admissível.